



TRAMA

MICHAEL JENSEN
DAVID POWERS KING





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Para Nicholas e Joanna



PRÓLOGO

O SEGREDO DO VIAJANTE

A poeira fazia cócegas no nariz de Chaleira, mas ele não se deu ao trabalho de coçar. A silhueta do Castelo de Avërand, iluminado por tochas, erguia-se na noite sem lua como uma vela diante das estrelas. Ele não gostava muito da grande edificação acima de Portomonte, mas mesmo assim era para lá que viajava.

O que estava dentro daquelas muralhas era muito mais importante.

Faz muito, muito tempo. Agora não está mais tão distante...

Chaleira caminhava pela ampla estrada rural levando uma pequena mochila nos ombros, um lampião fraco numa das mãos e um cajado curto na outra. A carga era leve, mas carregá-la era cansativo. Gotas de suor se formavam em sua testa, condizentes com a noite quente de verão.

Tochas se alinhavam na muralha de granito que cercava a cidade, revelando musgo e hera densos nas pedras antigas. O cheiro de orvalho recente envolvia os sentidos de Chaleira e o murmúrio de um riacho encontrou seus ouvidos, seguido pela visão de uma ponte. Ao passar sobre a água, ele viu uma sombra se mover junto à base da torre sul. Chaleira apagou sua luz, esgueirou-se no capim e espiou entre as folhas, esperando outro vislumbre da sombra antes de se aproximar. Aguardou e observou enquanto a luz de uma tocha iluminava a figura. Era uma jovem com cabelo dourado e comprido, usando um belo vestido de verão.

O que uma criatura tão bonita está fazendo aqui fora no meio da noite?

A moça foi até o portão, olhando cautelosamente ao redor. Um guarda se levantou da cadeira quando ela se aproximou.

– Sente-se melhor, Alteza?

A jovem fez que não com a cabeça.

– Esses insetos estão fazendo um barulho medonho esta noite.

– Não há lua. De que outro modo eles poderão encontrar uns aos outros?

– Abra o portão. E não conte a ninguém que eu saí.

O homem franziu a testa enquanto a deixava passar, depois trancou o portão. Intrigado, Chaleira estendeu a mão para captar o *fiô* da jovem. A garota tinha força de vontade, e sangue nobre corria em suas veias, assim como nas de seu velho amigo.

Poderia ser?

Sim. Sem dúvida. Era a filha de seu amigo, o príncipe. Quando ele a vira pela última vez não passava de uma bebezinha numa trouxa de panos. Agora, não. Tinha crescido e virado uma jovem admirável, uma donzela de virtude e grande beleza, como Chaleira esperaria da linhagem do príncipe. Certamente iria vê-la em breve, mas, por enquanto, precisava se apresentar no portão e entrar. Saiu do meio do mato.

– Quem está aí? – perguntou o guarda. – O que quer?

– Sou um viajante solitário, sem importância.

– É tarde demais para viajar sozinho, meu velho. O que você quer?

– Uma noite de abrigo dentro de sua muralha, por obséquio.

– Já passou da hora de se hospedar aqui, estranho. Tente na estalagem em Toca do Javali, mais adiante na estrada.

Chaleira apoiou as costas na muralha.

– Venho de Porto da Colheita e preferiria não ter que voltar pelo mesmo caminho. Vou esperar aqui, se você não se importa. Tenho negócios a fazer aí dentro.

– Você carrega pouca coisa para quem está viajando a negócios...

Sorrindo, Chaleira baixou a mochila e o lampião.

O guarda grunhiu e se sentou na cadeira.

– Terá que sair daqui.

– Não quer companhia? Imagino que seu trabalho deva ser bem monótono.

– Monótono? Rá! Terrivelmente... – O guarda suspirou e depois sorriu.

– Tudo bem, acho que você pode ficar. Só não tente nada. Posso não ser jovem, mas ainda dou conta de você.

Chaleira deu um risinho.

– É o que parece.

– Qual é o seu nome, estranho?

– Pode me chamar de Chaleira.

Isso fez o homem dar risada e indagar:

– Como Riacho das Chaleiras, a norte daqui?

– Ah, sim – respondeu ele, rindo junto. – Igualzinho.

– Nome curioso para um bode velho. O meu é Dyre.

Chaleira sorriu sem deixar que a observação o insultasse. O guarda o havia julgado somente pelo que podia ver.

– Obrigado por deixar que eu descanse aqui. Isso vai me dar a chance de estudar você.

Dyre levantou a sobrancelha.

– *Estudar?*

– Sou um artista, meu bom homem. A inspiração flui melhor enquanto observo as pessoas. Estudo o rosto delas, reparo como elas se movem e falam. Cada diferença sutil me fascina.

Dyre inclinou a cadeira para trás.

– Acho melhor não ficar me encarando a noite toda.

– Se prefere conversar, tem muita coisa que eu gostaria de saber. Faz anos que visitei Avërand pela última vez. Suas plantações são as mais saudáveis que vejo desde a juventude.

– Com isso eu poderia concordar. O que você gostaria de saber?

– Quem é aquela donzela que entrou pelo portão?

O homem hesitou.

– Ah, é... Infelizmente não posso falar sobre isso.

Chaleira enfiou o dedo num bolso dentro da manga e discretamente salpicou uma gota de tinta azul no guarda. Ela pousou na mão do sujeito, sem que ele notasse, e penetrou em sua pele.

Isso deve servir.

– Pode contar. Não vou dizer uma palavra.

– É filha do rei Lennart – respondeu o homem sem hesitação. Sua voz, a garganta, a mente e o corpo haviam relaxado completamente. Tinta azul: sutil mas eficaz. – Ela não tem permissão para sair tão tarde assim, mas isso a deixa feliz. Eu não deveria contar a ninguém.

– Claro, e eu também não vou contar. Então o príncipe Lennart assumiu o trono?

– Não que ele tire proveito disso. Na verdade não faz nada desde que o pai foi assassinado.

Chaleira assentiu, demonstrando solidariedade.

– Yalva. Eu o conhecia bem. Foi uma tragédia terrível.

– Foi mesmo. – Dyre tossiu. – Não gostamos de falar nisso, apesar de ter acontecido há muitíssimo tempo. Existem boatos. Dizem que um mago o matou, se é que você acredita nesses absurdos.

– Certo – concordou Chaleira. – Absurdo completo.

O guarda pigarreou.

– O que mais você gostaria de saber?

– Muita coisa. – Chaleira tinha uma longa lista de perguntas e várias horas antes de o dia amanhecer. Decidiu guardar as mais delicadas para depois. – Como é ser guarda aqui no portão?

Dyre riu de orelha a orelha.

– Fácil, e tem um bocado de vantagens. A melhor é uma doce criada da copa que me traz tortas de cereja, as minhas prediletas! – O homem inclinou o corpo para a frente e esticou as pernas. – Eu cuido das entradas e saídas aqui: três turnos da noite e quatro turnos do dia por semana.

Chaleira olhou para a alavanca de madeira ao lado do assento de Dyre, enquanto o guarda descrevia sucintamente sua ocupação. Era útil saber tudo isso.

– Por que você fica sentado aqui fora, e não do lado de dentro do portão?

– O ar da noite é tranquilo. Faz anos que não tenho problemas neste posto. E, além disso, se surgisse algum perigo, eu só precisaria puxar esta alavanca.

– Imagino que você tenha visto *todo mundo* que já entrou e saiu por aqui, não é?

Dyre gargalhou.

– Já vi todas as almas de Avërand.

– Então conhece lady Katharina e o garoto dela, Lief?

O guarda franziu a testa.

– Não ouço esses nomes há anos. – Dyre se empertigou, pondo as mãos nos joelhos. – Como você sabe sobre eles?

– Eu os conheci há muito tempo. Não fazem mais parte da nobreza?

– Eles sumiram do castelo pouco depois da morte do rei Yalva.

O sorriso de Chaleira diminuiu e depois desapareceu.

– Permanecem nestas terras?

Dyre franziu a testa e balançou a cabeça.

– Como eu iria saber?

Essa notícia fez Chaleira trincar os dentes.

O garoto não pode ter ido embora. Ele precisa estar aqui! Ela não partiria...

Tudo havia acontecido de acordo com o plano, mas agora ele precisaria improvisar.

– Ele virá atrás da princesa? – perguntou Chaleira.

– Virá atrás de... *quem?*

O guarda esfregou os olhos. O efeito da tinta havia passado.

Como o negócio que ele tinha para resolver não estava mais no castelo, Chaleira precisaria procurar o garoto em outro lugar. Mas onde ele estaria? Tinha que encontrá-lo. Caso contrário, seu retorno a Avèrand teria sido em vão. Estendeu a mão para pegar o fio do garoto, perceber sua presença na terra... mas não sentiu nada.

Se eu quiser encontrá-lo preciso ficar perto da princesa.

Não havia outra opção. Concentrou o olhar no guarda e o examinou. Queixo, bochechas, testa, depois orelhas, olhos, nariz. Em segundos memorizou o rosto de Dyre.

O guarda estreitou os olhos enquanto levantava a mão para a alavanca.

– Quem é você *de verdade?*

Instantaneamente Chaleira se afastou da muralha e empurrou Dyre para longe da alavanca. Depois cobriu a boca do guarda com uma das mãos, pegou uma faca com a outra e passou o gume fino pelo pescoço do sujeito. Os olhos de Dyre se arregalaram enquanto o rosto de Chaleira se desenrolava e ondulava no ar como um carretel de linha feita de carne – e então se trançava outra vez como uma imagem espelhada do próprio guarda.

– Por enquanto – disse ele usando a voz de Dyre –, eu serei *você*.

1

O CAVALEIRO DE VILA DAS PEDRAS

Nels não gostava de comer terra.

A mão implacável empurrava sua cabeça para baixo.

– Você se rende? – zombou Wallin.

Trincando o maxilar, Nels libertou a perna, torcendo-a, e fez Wallin rolar para o lado.

– Nunca!

Os garotos ao redor gritaram empolgados enquanto os dois lutadores de 17 anos colocavam-se de pé outra vez e se observavam, aguardando para fazer o próximo movimento. Nels estendeu os braços, esperando o contra-ataque de Wallin. Uma camada de poeira grudada pelo suor cobria a pele dos dois – e Wallin havia tirado a camisa, tornando mais difícil ainda para Nels segurá-lo com firmeza. Nels sorriu confiante enquanto olhava os passos do oponente. Nunca havia perdido uma briga para Wallin e não iria deixá-lo vencer agora.

Nels soltou o ar enquanto uma brisa de verão balançava seu cabelo louro-escuro. Tinha pouco tempo para terminar suas tarefas, de modo que não era sensato desperdiçar o resto de luz do dia ao aceitar esse desafio, mas não iria recusar uma briga com Wallin na frente de uma plateia. Pelo jeito Wallin precisava provar alguma coisa; caso contrário, não teria vindo até ali nem ficado até tão tarde. Nels observou-o. Os pontos fortes de Nels eram timing e estratégia, embora sua altura e sua força também ajudassem.

Puxar a perna dele?

Não. Wallin esperaria isso.

Fingir que vou agarrá-lo e depois puxar a perna?

Poderia funcionar.

Nels saltou de lado, abaixou-se para pegar a perna de Wallin e rapidamente o desequilibrou. Depois jogou o peso do corpo sobre ele e fez Wallin rolar de barriga para baixo, saltando para a cabeça dele e grudando o rosto do rival na terra revirada. Por mais que lutasse, Wallin jamais escaparia dessa chave.

Os garotos contaram:

– Um... dois... três!

– Chega! – cuspiu Wallin, batendo a mão no chão. – Eu me rendo!

Soltando Wallin, Nels estendeu a mão e ajudou o amigo a se levantar, e o tempo todo os espectadores batiam palmas. Nels continuava sendo o campeão, e planejava manter as coisas assim.

– Como soube que eu iria atrás de você daquele jeito? – perguntou Wallin.

Nels gargalhou.

– Os cavaleiros sempre preveem os movimentos dos oponentes.

– É... – Wallin conseguiu dar um sorriso magoado. – Ainda não somos exatamente cavaleiros.

– Nels! – Uma mulher chamou-o da choupana na extremidade da plantação. – O que você está fazendo? Pare de brincar e acabe de cavar os sulcos. Vão para casa... todos vocês!

Wallin deu um risinho enquanto balançava a cabeça ruiva e espanava a poeira da calça.

– Ainda pego você – prometeu. – Um dia desses eu pego você. A não ser que aquela velha chata faça isso antes de mim.

Nels preparou os punhos.

– É da minha mãe que você está falando.

– Com todo esse trabalho, ela mais parece uma capataz de escravos!

Nels deu um soco de brincadeira e Wallin desviou do golpe facilmente. Wallin deu o soco seguinte, também fácil de ser evitado. Um dos meninos se aproximou para impedir um terceiro. Não... Era uma garota. O cabelo castanho-escuro e curto de Jilia havia enganado Nels outra vez. A garota fez uma carranca para Wallin, que ainda estava sem camisa.

– Dê o fora, seu valentão! – disse ela com formalidade infantil. – Hoje você perdeu.

Wallin olhou para ela e riu. Pegando a camisa, correu em direção a Vila das Pedras com os outros, deixando Jilia e Nels sozinhos.

– Não precisava fazer isso – disse Nels. – Não estávamos lutando para valer, você sabe.

– Eu sei. – Jilia pegou uma pedra e jogou-a na direção de Wallin. O projétil acabou ricocheteando num tronco de árvore. – Mas eles deveriam respeitar o Cavaleiro de Vila das Pedras... e sua escudeira...

– *Minha* escudeira? É por *isso* que você vive atrás de mim?

A garota cruzou os braços, com um rubor surgindo nas bochechas.

– É o meu dever.

– Então pegue aquela pá para mim, milady. Tenho um campo para derrotar!

Jilia correu direto para a ferramenta e colocou o cabo na mão dele.

Nels não conseguiu conter um sorriso.

– Não precisava fazer isso também.

– Bom, até *você* virar um escudeiro, vai ter que aguentar isso.

– Então acho melhor eu me apressar – disse Nels, dando uma piscada.

A garota ergueu as sobancelhas grossas.

– Quando vai ser?

– Quando eu vou pedir para você pegar outra coisa?

– Não, seu bobo! Quando você vai virar escudeiro?

Nels olhou para a choupana e as nuvens brancas atrás. Não tinha uma resposta pronta para essa pergunta, uma pergunta que ele mesmo se fizera muitas vezes. A cavalaria escolhia seus escudeiros uma vez por ano, um evento ao qual nunca havia comparecido. Amanhã seria o grande dia.

– Você vai ter que perguntar isso para minha mãe. Por ela, está fora de questão.

– Qual é o problema da sua mãe? Ela é tão rígida e certinha! Nunca deixa você fazer nada. – Jilia franziu o nariz pequeno. – Meu pai me deixa fazer o que eu quiser, e me saí muitíssimo bem!

Nels deu um risinho enquanto olhava a manga rasgada da blusa dela. Remendos cobriam as calças, os sapatos esgarçados mal cabiam nos pés e os tornozelos se afogavam em meias grandes demais. As bochechas redondas tinham manchas de terra, praticamente escondidas pelo sorriso pequeno e encantador. Diferentemente de Nels, Jilia não tinha mãe, e fora criada com os cinco irmãos numa casa com um pomar de peras no terreno, do outro lado da cidade.

De modo inverso, Nels não tinha pai, ou pelo menos não o conhecia.

– Sou tudo que minha mãe tem.

– Não se você se casar! – disse a garota, dando-lhe um soco no ombro.

– Ei! – Nels esfregou o local. – Que negócio foi esse?

– É o que vai acontecer se você se casar com alguém que não seja eu.

Nels levantou a sobrancelha, com os olhos de um verde-escuro que combinavam com as folhas de carvalho ao redor dos dois. Não tinha esperado que a conversa se desviasse para esse caminho espinhoso. Nada tão ousado jamais havia saído da boca da menina de 13 anos. Nels precisava manter o tom leve se quisesse escapar incólume daquela conversa.

– Casamento? Você não é meio nova para pensar nisso, Jília?

A garota cuspiu por cima do ombro.

– Se as coisas continuarem como estão, você ainda vai estar morando aqui, e aí... – um rosa suave subiu pelas bochechas de Jília, fazendo suas pequenas sardas se destacarem ainda mais – ... eu vou ter idade suficiente.

Nels se esforçou ao máximo para rir de leve.

– Acho que por enquanto vou manter você como minha escudeira.

– Claro. – A voz dela saiu sem qualquer emoção. – Bom, é melhor eu ir. Você vai ao festival, não vai?

– Veremos o que acontece. Vou pedir à minha mãe na hora do jantar.

– Ótimo, porque você pode não ter outra chance. Por favor, *por favor*, vá!

– Vou fazer o máximo – respondeu ele, com um sorriso mais sincero.

– Você sempre faz. – Ela piscou de volta. – A gente se vê, então!

A garota correu pelo campo, passando desajeitadamente por cima dos sulcos arados. Nels balançou a cabeça, sorrindo enquanto a olhava se afastar. Seus amigos eram interessantes. Jília acompanhava Nels sempre que ele entrava na cidade (não que ele fosse à cidade com frequência). E Wallin transformava cada encontro entre os dois – quer estivessem comendo tortas, quer estivessem apertando as mãos – numa competição. Mesmo assim eram seus amigos. E acreditavam no seu sonho.

Em alguns minutos iria escurecer – não havia tempo suficiente para semear a cevada e os legumes que precisavam ser plantados. Uma densa floresta de carvalhos-brancos cercava a terra deles, escondendo a pequena choupana do mundo. O caminho abrigado ia para o leste até Vila das Pedras, em menos de meia hora a pé, ou metade desse tempo a cavalo. Não

que Nels soubesse disso; sua mãe o proibiu de montar depois que o Velho Castanho – só uma vez – o derrubou.

Nels se inclinou e cavou um sulco na terra.

– Grande cavaleiro que eu sou...

Apesar de seus esforços para desistir da ideia, não conseguia abandonar o desejo de se tornar cavaleiro de Avërand. Tinha a aprovação de toda a aldeia, e muitas pessoas ficavam surpresas por Nels ainda não ser um deles. Tinha idade e força suficientes, e muitos já haviam se manifestado sobre sua coragem. Quando o povo da cidade o viu salvar um homem semienterrado por um deslizamento de pedras no verão anterior, saudou-o como herói. E depois de ele pular no rio para impedir que a filha do serralheiro se afogasse, passaram a chamá-lo de “Cavaleiro de Vila das Pedras”.

Mas Nels não era cavaleiro. Não podia abandonar sua mãe, que se amedrontava com qualquer coisa. Isso iria deixá-la em pânico. Se Nels sofria um arranhãozinho, ela sempre presumia o pior. Naquela noite a aldeia se preparava para o festival de verão, e ele estava preso em casa, trabalhando para a reserva de inverno – já que sua mãe havia se esquecido outra vez de conseguir as sementes até que fosse tarde demais.

Com um suspiro desapontado, Nels observou o sol se pôr atrás das copas das árvores.

Não posso culpá-la. O que ela faria sem mim? Precisa que eu fique aqui.

Sabia que jamais viraria cavaleiro enquanto fizesse a vontade da mãe. Ela odiava todos os cavaleiros, a realeza, qualquer coisa que tivesse a ver com autoridade ou nobreza na terra de Avërand. Ninguém mais parecia se incomodar com a família real. Eles eram bastante generosos com o povo; mantinham os impostos num nível razoável e certificavam-se de visitar as aldeias todo ano.

O problema não era o que eles *faziam*. Era o que *não faziam*.

Um monarca apático ocupava o trono – um rei trancado dentro do castelo, convencido de que estava amaldiçoado. Ninguém sabia ao certo qual era a maldição. Mas o que quer que assombrasse o rei o levava a ignorar as relações com outras terras. Se não fosse a cidade marítima de Porto da Colheita, o mundo teria esquecido esse país minúsculo, um reino sem governo com cavaleiros abatidos. Nels nunca vira o rei, mas sabia que, se fosse cavaleiro, poderia ajudar, assim como ajudava todo mundo. Sua mãe

o proibia de ir a Portomonte, onde ficava o Castelo de Avërand. Na verdade, ela o proibia de ir a qualquer lugar, especialmente ao festival de verão.

Eu poderia fazer tanta coisa! Se ao menos pudesse convencê-la...

O aroma convidativo de ensopado de aspargos alcançou o seu nariz. Cansado do trabalho e dolorido pela luta na terra, Nels pegou as ferramentas e foi se arrastando para a velha choupana.



– Gostou de rolar na terra feito um porco? – perguntou sua mãe.

Sorrindo, Nels passou pela soleira da choupana.

– Claro que gostei!

Ela mexeu na panela.

– Fique feliz porque eu não estou cozinhando você.

– A senhora é que deveria ficar feliz. – Gargalhou Nels. – Meu gosto seria horrível, não acha?

Com um leve pigarro, a mãe voltou para o ensopado.

A curiosa choupana era um lugar pequeno e aconchegante, entulhado mas organizado. Tapetes feitos pela mãe pendiam nas paredes, e montes de tecido, carretéis de linhas e pilhas de roupas de cama ocupavam cada prateleira e cada canto, enchendo todo o ambiente de cor. Sua mãe era costureira. Sua capacidade de fazer qualquer coisa de tecido, desde guardanapos até vestidos elegantes, era extraordinária. Nels não podia reclamar; poucas pessoas em Vila das Pedras tinham um guarda-roupa tão bem-feito quanto o dele.

A mãe ficava ocupada na maior parte dos dias, ganhando dinheiro suficiente para comprar o que os dois necessitavam. Mas comprar o que eles *queriam*, no entanto, era um assunto do qual praticamente não falavam. Isso fazia aumentar a confusão de Nels, porque ela havia feito uma porção de roupas extraordinárias – vestes para reis e vestidos dignos de rainhas –, mas nunca os vendia nem mostrava a ninguém. Em vez disso, mantinha tudo trancado num armário.

Nós poderíamos ser ricos. Por que ela não faz mais do que serviços de remendo?

Nels tirou as roupas imundas. O gosto de terra ainda se demorava em sua boca.

– Lave-se muito bem – ordenou a mãe. – Não quero que suje o tecido quando eu for tirar medidas. – Ela colocou um bocado de ensopado de aspargos em duas tigelas e pousou-as elegantemente na mesa. – É uma coisinha maltrapilha aquela menina, mas pode ficar linda com a idade.

– Está falando de Jilia? – Nels vestiu uma camisa limpa. – Por que está dizendo isso?

– O tempo tem a capacidade de mudar uma garota... e o modo como um homem pensa nela.

Nels foi até a mesa e sentou-se.

– Ela não é o tipo de garota que eu tenho em mente.

A mãe deu uma risada abafada enquanto levava a panela de volta para o fogão.

– Não, não *aquela* coisinha. Você merece alguém melhor, uma moça calma e refinada, que aprecie seu caráter. – O sorriso caloroso dela quase o provocou. – Sei que várias garotas na aldeia estão de olho em você.

Ele deu de ombros.

– Acho que sim. Elas são simpáticas, mas... nenhuma parece certa.

Finalmente a mãe se sentou, suave e delicada como uma pluma.

– Talvez seja melhor assim. Afinal de contas, deixei que você tentasse trabalhar com Lars, o ferreiro, e você não se interessou – lembrou ela. – Como também não se animou em trabalhar na pedreira. Nem o serviço de alfaiate atrai seu interesse. Se você não dominar uma profissão logo, não terá nada para oferecer a uma jovem noiva.

– Tem uma profissão que você ainda não me deixou tentar, mãe.

Ela estendeu a mão para o frasco de pimenta, obviamente ignorando-o.

Nels deixou o queixo pousar nos nós dos dedos.

– Preciso dizer uma coisa.

– Cotovelos.

Ele cedeu à reprimenda baixando as mãos.

– É sobre o festival...

– Não quero saber. – A mãe pegou a colher. – Imagine o que poderia acontecer se eu ficasse sozinha. E se aparecerem ladrões? Não. Agora corrija essa postura e coma.

Nels se empertigou, resmungando, enquanto um vapor agradável subia da tigela. A resposta pouco convincente de sua mãe à pergunta incompleta o fizera perder o apetite. Que tipo de cavaleiro não consegue enfrentar a

própria mãe? Olhou para ela, mas ela não olhou de volta. Sua mãe era magra, e o cabelo ruivo se encaracolava ao redor das orelhas. Os olhos azuis brilhavam sempre que ela ria. Nenhuma outra mulher na região se comparava com sua impressionante beleza. Pretendentes da aldeia sabiam disso, e ela havia recusado todos.

A mãe limpou o queixo com um guardanapo.

– Coma antes que esfrie.

– Eu vou ao festival, mãe.

– É melhor não. Festivais não colocam comida na mesa. Frivolidade depois da labuta.

Nels segurou a cadeira com força e respirou fundo para se acalmar.

– Por que não montamos uma barraca no festival? Poderíamos comprar mantimentos para o inverno se a senhora vendesse os vestidos que estão no armário.

– Você não tem nada que se meter com as minhas coisas – alertou a mãe. – E por que eu faria isso? Temos todas as sementes de que precisamos. Por que comprar o que podemos plantar? Está querendo fugir das tarefas de novo?

– Não vejo necessidade disso, e a senhora sempre me dá tarefas extras logo antes do festival.

A mulher se remexeu.

– O verão é nossa estação mais atarefada, Nels. Você sabe.

– Então por que comprar as sementes tão tarde? Todo mundo tinha plantado *semanas* antes. – A mãe desviou o olhar, resistindo à pergunta, por isso Nels apoiou as mãos na mesa, com mais força do que pretendia, e se levantou. – Quero me tornar cavaleiro, mãe. Por que a senhora não deixa?

– Nels. – Ela lançou-lhe um olhar de reprovação. – Não admito isso. Esses aldeões encheram sua cabeça com essas aspirações perigosas por tempo demais. Você acredita que salvar um homem de um deslizamento é mérito suficiente para se afiliar àquela maldita horda de escroques e arruaceiros? Os cavaleiros de Avërand só fazem beber vinho!

Nels balançou a cabeça. Não gostava de discutir com a mãe. Sabia que ela o amava – e ele também a amava –, mas não havia nada a amar em suas desculpas absurdas. Discussões anteriores lhe diziam que o debate era inútil, mas ele precisava fazer alguma coisa. Ir ao festival era o único modo de realizar seu sonho.

– Mais motivo ainda para eu me juntar a eles. Eu poderia fazer alguma coisa!

– Será que uma mãe precisa se explicar quando está protegendo o filho?

– Protegendo? – Nels a encarou. – De quê?

– De fazer papel de idiota. Por que você quer realmente ser cavaleiro?

– Quero realizar algo importante. Quero ajudar o reino.

– Não basta me ajudar? É isso que você está dizendo?

Nels não tinha resposta. Claro que queria ajudá-la, mas ela não entendia. O que havia de errado em querer fazer algo pelos outros?

– Essa discussão está encerrada – continuou a mãe. – Sente-se e coma.

Mas Nels tinha uma última coisa a perguntar.

– Mãe, por que estamos nos escondendo aqui?

– Escondendo? – Ela levou a mão à boca. – Por que está dizendo isso?

– Nós não nos encaixamos, mãe. Se a senhora sáísse mais, veria o que quero dizer. Todo mundo acha que somos esquisitos por morarmos na floresta, e a senhora praticamente não me deixa sair de sua vista. Por quê?

Ele esperou que a mãe falasse. Ela levantou a outra mão e cobriu o rosto.

– Não é uma questão de nos escondermos. Eu simplesmente não gosto de gente desconhecida.

– A senhora tem medo de alguma coisa. Eu sei disso há algum tempo. Sei que odeia a nobreza e os cavaleiros, mas é mais do que isso. Tem a ver com meu pai? Toda vez que pergunto sobre ele a senhora só diz: “Não quero ouvir isso.”

Sua mãe se afastou da mesa, garantindo a Nels que a suposição estava correta. Finalmente toda uma vida de perguntas e segredos estava exposta, só porque ela não queria deixá-lo ir ao festival. Nels deveria ter enfrentado a mãe antes.

– Se não quer dizer por que não posso ir, não tenho motivo para ficar.

Lágrimas encheram os olhos da mulher enquanto ela baixava o rosto e soluçava. O coração de Nels se apertou. Não queria fazê-la chorar, mas havia esgotado todas as opções.

Desta vez eu fiz bobagem.

Apertou as mãos dela com força.

– Desculpe, mãe.

– Ele foi assassinado.

Nels levantou os olhos.

– O quê?

– Seu pai foi assassinado.

A mãe assoou o nariz no guardanapo, tentando se recompor.

Depois de anos de especulação, ela finalmente havia respondido.

O pai não tinha abandonado os dois. Tinha sido *tirado* deles.

– Quem o matou? Alguém do castelo?!

– Não posso... Não *vou* dizer. Mas é por isso que você não pode ir ao festival.

A choupana ficou silenciosa. A decisão dela era definitiva.

Nels voltou a se sentar.

– A senhora me dá licença?

Sem levantar os olhos, a mãe assentiu.

– A noite está chegando. Não se afaste muito.

Sentindo-se traído e com náusea no estômago vazio, Nels saiu e foi para a parte de trás da casa. Se tivesse ficado mais tempo teria dito alguma coisa da qual iria se arrepender.

Não se incomodou com as galinhas enquanto andava, e todas correram para fora do seu caminho, cacarejando amedrontadas. No fim da encosta atrás da choupana havia um pequeno lago. Um córrego lançava água doce nele, e a superfície calma tinha a capacidade de aquietar seu mau humor raro. Quando chegou à margem pantanosa, Nels pegou uma pedra pequena e jogou-a com força. Ela saltitou na superfície, bateu numa pedra grande e caiu na água. Ondulações se espalharam, chegando à margem junto aos seus pés.

Meu pai foi assassinado...

Nels sentou-se junto ao lago, permitindo que novas perguntas sobre seu pai viessem à tona. Sabia muito pouco sobre ele – praticamente nada –, assim como todas as pessoas de Vila das Pedras. Mas certamente alguém sabia sobre a vinda deles para cá. Sob o resto de luz do crepúsculo, olhou para seu reflexo de testa franzida. Talvez devesse estar mais contente. Pelo menos sua mãe finalmente havia contado algo.

Mas não bastava. Ele precisava conhecer o resto da história.

Se alguém o matou, por que ela esconderia isso de mim? Será que mamãe está se escondendo do assassino dele?

Nels havia passado muitas horas tentando entender a situação de sua mãe: nervosa à noite, desconfiada de cada cliente novo. Agora sabia

o motivo. Ainda era injusto. Ele só queria uma oportunidade de provar seu valor para o reino. Será que já havia comprometido essa chance? O dever de um cavaleiro é garantir o bem-estar de todos, uma tarefa altruísta para toda a vida, mas que tipo de cavaleiro faz a própria mãe chorar? Por ela, talvez fosse melhor se ele abandonasse totalmente esse sonho. Afinal, quanto mais velho ficasse, menos provável seria que isso acontecesse.

Quero ser cavaleiro, mas não assim. Preciso ser melhor do que isso.

Deitou junto ao lago e fechou os olhos por um momento. Uma rã coaxou do outro lado antes de pular na água. Contemplar as ondulações o acalmou mais um pouco. Sentindo-se derrotado e exausto, Nels se levantou e voltou para a choupana.



Ao entrar, encontrou a mãe enxugando um prato. Ela estava mais abatida do que quando ele havia saído. A grande tigela de ensopado frio continuava na mesa que, afora isso, estava vazia.

Ele olhou para a tigela.

– Quero saber mais. Vai me contar?

A mãe pendurou o pano de prato.

– Quando chegar a hora eu conto.

Já ouvi isso antes.

Achando que era melhor encerrar o assunto por ora, Nels foi andando para a cama.

– Precisamos falar de uma pequena tarefa – disse a mãe de repente. – Estou sem tinta turquesa. Como não posso terminar as toalhas de mesa de Magdalene sem ela, tenho que pegar um pouco de manhã.

Nels se virou de volta, surpreso com a notícia.

– Vamos a Vila das Pedras?

– Claro que não, pelo menos não durante o festival. Terei que ir a Riacho das Chaleiras.

– Riacho das Chaleiras? – Nels suspirou. – São três horas de viagem de ida e mais três de volta!

A mãe tirou o avental. Depois de pendurá-lo, saiu da cozinha e foi até seu tear, no canto.

– Eu comprei as tintas com o Agen. Para as toalhas ficarem iguais terei que ir até ele, em Riacho das Chaleiras. Como você disse, eu preciso sair mais.

A viagem dela para evitar o festival era uma tolice, mas Nels preferiu se conter para não falar. Teve uma ideia que renovou sua esperança.

– Eu terminarei as tarefas enquanto a senhora estiver fora...

– Espero que sim. Já estamos bem atrasados. Vou a Riacho das Chaleiras comprar as tintas e outros suprimentos enquanto você termina aqui. Se eu voltar e vir que você não terminou...

– Não se preocupe. Isso vai me ocupar o dia inteiro.

A mãe assentiu enquanto continuava a tecer.

– Eu não quis dizer aquelas coisas – disse Nels, desculpando-se. – Amo a senhora.

– Também amo você, Nels, meu filho perfeito.

Escondendo um sorriso, Nels se enfiou em seu canto e se deitou no colchão de lã.

Ela não disse que eu não poderia ir se terminasse as tarefas primeiro...

Só precisaria acordar cedo, terminar tudo e ver o máximo possível do festival antes que ela voltasse. O plano era infalível!

Nels fechou os olhos, imaginando como seria o festival. Seus amigos haviam contado sobre jogos, corridas, tortas, bolos e mercadores que vinham de Porto da Colheita para vender seus produtos. Este ano – pela primeira vez – veria tudo isso pessoalmente. Este ano teria sua chance de se tornar cavaleiro, mesmo que fosse preciso burlar as regras. Recusava-se a passar o resto da vida na sombra do medo da mãe.

A mãe cantarolava enquanto tecia, e a cantiga suave embalou o sono de Nels.



Nels dormiu mais do que queria. Sentia-se um idiota.

Levantou-se atabalhoadamente da cama e saiu pela porta dos fundos para pegar todas as ferramentas necessárias. O sol da manhã estava alto, esforçando-se para cozinhar o chão. Faltavam poucas horas para o meio-dia, o que significava que as tarefas iriam ocupá-lo até o início da noite. O Velho Castanho e a carroça haviam sumido.

– Ela me deixou dormir de propósito!

Não importava. Ele não tinha tempo para se lamentar.

Preciso terminar isso!

Primeiro alimentou as galinhas. Elas jamais parariam de cacarejar se ele as ignorasse. Depois correu para o campo e enfiou uma pá na terra. Trabalhou durante duas horas, cavando e plantando, mais depressa do que jamais havia feito na vida, mas ainda tinha muito pela frente. O celeiro precisava ser varrido e ele deveria consertar a cerca – tinha que arrumar madeira para isso.

Correu para os fundos da choupana, pegou o velho machado e começou a cortar os galhos da última árvore que havia derrubado. Mas não demorou muito até que a lâmina de ferro voasse do cabo e caísse no lago. Nels desmoronou ao lado do toco. O suor quente ardia nos olhos.

Não adiantava. Mesmo que deixasse a cerca de lado, jamais chegaria a tempo.

– Talvez seja melhor assim – murmurou consigo mesmo.

Exausto e sem fôlego, levantou-se cambaleando e tirou a camisa. O corpo estava coberto de suor. Enfiou o rosto no cocho, sentindo um alívio instantâneo com a água fresca.

– Você está trabalhando como um boi, rapaz.

Nels girou, com a água pingando do rosto. Um cavalheiro idoso estava segurando uma bengala com cabo de metal – parecida com o gancho de uma grande agulha de crochê. O cabelo encaracolado circundava a cabeça quase careca e a barba curta combinava com o manto cinza. Até os olhos pareciam gastos e cinzentos, como contas de aço opaco. Nels olhou por cima do ombro, certificando-se de que estavam sozinhos.

Levantou a mão, com o sol brilhante forçando-o a estreitar os olhos.

– Em que posso ajudar?

– Sou amigo de sua mãe – respondeu o velho, com a voz calorosa e cordial. – Ninguém atendeu à porta, por isso pensei em olhar nos fundos, e veja só, aí está você!

Nels deu de ombros.

– Aqui estou – disse, meio desanimado. Aquele homem era alegre demais para o humor atual de Nels. – Mas minha mãe não está aqui. Saiu hoje cedo para Riacho das Chaleiras.

O velho crispou os lábios.

– Que pena! Eu tinha esperança de vê-la antes do festival.

Nels interrompeu o gesto de pegar a camisa.

– O senhor veio para o festival?

– Por que outro motivo eu viria? – perguntou ele, aproximando-se. – Vila das Pedras está colorida, e os aromas no ar estão deliciosos. O rei e a família real vão chegar logo, incluindo a bela princesa Tyra, a donzela mais linda que Avërand já conheceu. – O velho olhou para Nels de cima a baixo. – Você já a viu? Se não, deveria ver, e para mim seria ótimo ter um acompanhante de volta para a cidade.

Nels soltou um suspiro de inveja.

– Preciso terminar essas tarefas antes de ir a qualquer lugar.

– Uma pena... – repetiu o velho. – Mas vejo que sua mãe criou um rapaz obediente.

Rindo disso, Nels deu um tapinha nas costas do velho.

– Mas se o senhor quiser me ajudar a terminar as tarefas, eu o acompanharia de boa vontade até o fim do mundo!

O velho inclinou sua bengala.

– Isso não é necessário, mas o que ainda resta para você fazer?

Nels piscou, pensando que o velho o achava idiota.

– Não falei sério.

– Estou sendo sincero, caro rapaz – insistiu ele, acompanhando Nels até a frente da choupana.

– Bom – disse Nels lentamente –, a cerca precisa ser consertada, o celeiro precisa ser varrido e a plantação precisa... – Nels parou subitamente, olhando a cerca consertada, o celeiro varrido e a plantação irrigada. Não podia acreditar. Todas as suas tarefas estavam concluídas. – Mas... quando foi que...?

O velho deu um risinho e piscou maliciosamente.

– Alguns jovens trabalham tanto que não têm noção de tudo que fazem. – Ele enfiou a mão no bolso. – Vim para dar isto à sua mãe. – Colocou um carretel de linha branca na mão de Nels. – Admiro sua obediência, mas, se você mudar de ideia com relação ao festival... – Em seguida colocou um pequeno dedal de latão na outra mão de Nels. Era frio ao toque. – Boa tarde.

Nels observou o velho partir para a estrada antes de olhar de novo suas tarefas. Não podia ter terminado tudo. Será que o sol havia confundido sua cabeça? Haveria mais alguma coisa acontecendo ali? No momento não tinha tempo para encontrar respostas, só para se arrumar.

Correu para dentro, lavou o rosto e vestiu a camisa e a túnica verdes que guardava para ir à aldeia. Ainda bem que tinha molhado o cabelo lá fora: agora seus cachos soltos estavam domados sobre a testa. Colocou o dedal e o carretel na bancada e foi para a porta, mas ouviu um tilintar junto aos pés. Girou. O dedal havia rolado na direção da porta e parado à sua frente. Em vez de voltar, Nels enfiou o objeto de latão no bolso e abriu a porta.

O sol brilhante pairava logo abaixo do meio do céu quando Nels saiu. A plantação estava perfeita. Jamais a propriedade havia parecido tão bem-cuidada. Sua mãe demoraria três horas para chegar em casa, no mínimo. Se usasse bem o tempo, ela jamais saberia que ele havia saído. Finalmente teria sua chance. Correu atrás do velho sem se incomodar em olhar para trás.

Deveria ter olhado.

Uma a uma, todas as tarefas se desfizeram.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br